

RETÓRICA, PERSUASÃO E EMOÇÕES

ENSAIOS FILOSÓFICOS E LITERÁRIOS



RETÓRICA, PERSUASÃO E EMOÇÕES

ENSAIOS FILOSÓFICOS E LITERÁRIOS

ORGANIZAÇÃO

Maria Cecília de Miranda N. Coelho



© Relicário Edições

© Autores

CIP –Brasil Catalogação-na-Fonte | Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

C672r

Coelho, Maria Cecília de Miranda N.

Retórica, persuasão e emoções: ensaios filosóficos e literários / Maria Cecília de Miranda N. Coelho. - Belo Horizonte, MG : Relicário, 2018.

224 p. ; 15,5cm x 22,5cm.

Inclui bibliografia e índice.

ISBN: 978-85-66786-76-7

1. Filosofia. 2. Retórica. 3. Emoção. 4. Paixões. 5. Persuasão. I. Título.

2018-1158

CDD 160

CDU 16

CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Horta Nassif Veras (UFTM)

Ernani Chaves (UFPA)

Guilherme Paoliello (UFOP)

Gustavo Silveira Ribeiro (UFMG)

Luiz Rohden (UNISINOS)

Marco Aurélio Werle (USP)

Markus Schäffauer (Universität Hamburg)

Patrícia Lavelle (PUC-RIO)

Pedro Süssekind (UFF)

Ricardo Barbosa (UERJ)

Romero Freitas (UFOP)

Virginia Figueiredo (UFMG)

COORDENAÇÃO EDITORIAL Maíra Nassif Passos

PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO Ana C. Bahia

CAPA Caroline Gischewski

REVISÃO Denize Gonzaga Santos e Celso Vieira

FORMATAÇÃO NORMAS TÉCNICAS Arthur Carvalho

RELICÁRIO EDIÇÕES

Rua Machado, 155, casa 2, Colégio Batista | Belo Horizonte, MG, 31110-080

relicarioedicoes.com | contato@relicarioedicoes.com

PRÓLOGO

Maria Cecília de Miranda N. Coelho 7

PREFÁCIO

David Konstan 15

Peithô e Pathos em Górgias

Marie-Pierre Noël 19

O impacto dos sentidos na alma nos discursos epidícticos de Górgias

Janika Päll 43

Horror, paixão e o visual na estética Grega Antiga

Douglas Cairns 69

Sobre a proximidade do objeto de piedade na Antiguidade Grega

Dana LaCourse Munteanu 103

A ambivalência de Aristóteles: *Pathê* e *Technê* na *Retórica* e na *Poética*

David Rosenbloom 121

Ficção e Persuasão nas *Tetralogias* de Antifonte

Stefania Giombini 163

As emoções no tratado *Do Sublime*

Marta Várzeas 185

Plotino e a retórica da Ascensão

Bernardo Brandão 207

SOBRE OS AUTORES 221



PRÓLOGO

Maria Cecília de Miranda N. Coelho

Do mesmo modo atua a imitação poética no domínio do amor, da cólera e de todas as paixões da alma, agradáveis ou penosas, que consideramos inseparáveis de nossas ações: alimenta e irriga o que devia ficar seco; [...]

(*República*, 606d, Platão, Trad. C.A. Nunes)

Você pode se fechar para o mundo. Então, não tem que interpretar papéis, fazer caras, gestos falsos. Acreditaria que sim, mas a realidade é diabólica. Seu esconderijo não é à prova d'água. A vida engana em todos os aspectos. Você é forçada a reagir. Ninguém pergunta se é real ou não, se é sincera ou mentirosa. Isso só é importante no teatro. Talvez nem nele. Entendo porque não fala, porque não se movimenta. Sua apatia se tornou um papel fantástico.

(*Persona*, I. Bergman. Fala da médica à atriz Elisabet Vogler, que emudeceu durante uma encenação de *Electra*)

Os oito artigos que formam este livro foram apresentados em diferentes ocasiões, mas todas no âmbito de atividades acadêmicas promovidas na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Os textos de Noël, Päll, Munteanu, Rosenbloom, Várzeas e Brandão são fruto de suas palestras no *Simpósio de Filosofia Antiga da UFMG*, atividade bienal da pós-graduação em Filosofia Antiga e Medieval, e que em sua quarta edição foi organizado por mim e pelo saudoso professor Marcelo Marques. Já os artigos de Cairns e de Giombini decorrem, respectivamente, da conferência de abertura no *I Seminário Docere, Delectare et Movere: emoções aristotélicas no cinema*, e de uma palestra nas *Jornadas de Retórica e Argumentação* – ambas atividades periódicas organizadas por mim, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, e pela professora Helcira Lima, da

Faculdade de Letras, da UFMG, no âmbito do Grupo de Pesquisa em Retórica e Argumentação (CNPq) que coordenamos, em uma proposta de cooperação interdisciplinar.

Como os títulos dos textos indicam, o livro reúne, sob o tema das emoções e da persuasão, ensaios que extrapolam uma única área de pesquisa e mostram as conexões, na antiguidade, entre o que hoje se demarcou e se separou em departamentos ou mesmo faculdades distintas, como literatura e filosofia. Se a separação se fez necessária em certo momento histórico, e hoje se impõe devido à crescente especialização, ela não pode ser, ao nos debruçarmos sobre a antiguidade, tomada de modo estanque, sob o risco de, anacronicamente, comprometermos a compreensão de um fenômeno rico e complexo, a saber, a reflexão sobre o poder do *logos*, a natureza das palavras e das coisas, bem como a função da atividade discursiva na construção da vida pública no período clássico grego.

Nesse momento, é também oportuno ressaltar o interesse cada vez maior pelos temas da persuasão, produção de emoções e retórica nos últimos anos. A revisão do movimento sofista, dos estudos em retórica e oratória, e de suas conexões com a tragédia e filosofia clássicas fez crescerem sobremaneira o estudo e a publicação de textos sobre esses tópicos, tanto traduções, como comentários e monografias. Vale lembrar que, só no Brasil, foram recentemente publicadas três traduções do *Fedro*, no qual Platão, como bem observou T. Cole (*The Origins of Rhetoric in Ancient Greece*, Cambridge U.P., 1991, p. 111) pela primeira vez, apresenta a discussão sobre a interação entre o texto escrito e o desenvolvimento de um vocabulário teórico baseado em sua análise. *Pari passu*, a criação das Sociedades de Retórica, na Europa e América do Norte nos anos 70 e 80 e na América Latina nos anos 2000, tem trazido uma plethora de novas investigações e interpretações de textos muitas vezes relegados, com a pecha de “pouco sérios”, bem como um público ávido para conhecê-los mais detalhadamente e investigar novas interpretações e abordagens desses temas e conceitos nos autores clássicos. Destarte, este livro vem se somar a outras publicações no Brasil, reunindo análises e comentários de renomados estudiosos que exploram o momento nascente da retórica com seus conceitos-chave, por meio do estudo de obras como Górgias, Platão, Antifonte, Aristóteles, Longino e Plotino, e seu impacto na construção de um vocabulário e de uma rede de conceitos e conjuntos

de problemas específicos, que, por sua vez, também reverberam em autores posteriores, como Plotino, e chegam até nós.¹

Em relação ao conjunto dos textos, ainda que possamos defender que eles formem um todo articulado (não mostrarei isso aqui, mas o leitor poderá corroborar, por ele mesmo, tal afirmação), eles podem, naturalmente, ser lidos separadamente, como uma série de ensaios independentes. Cada um trata de um pensador, conceito ou problemas a partir de uma abordagem metodológica própria, ainda que tenha, como princípio norteador, o tratamento do conceito de emoção.² Mesmo os dois primeiros, que têm obras de

1. Como já discuti em outro momento (COELHO, M. C. M. N. Retores, Sofistas e o uso do termo *logos* em alguns autores dos séculos V e IV a. C. *Idéias* 11:2, 2004, p. 213-232), um dos problemas com os quais temos de lidar, na história da Filosofia e da Retórica, é a própria demarcação entre elas, pautada pela tradição platônica. Quando Platão definiu, no diálogo *Górgias*, a retórica como arte da persuasão (452e) e associou sua prática aos sofistas, ele descaracterizou a variedade de temas que eram objeto das discussões relativas ao *logos*, simplificação essa que, por sua vez, tornou a retórica um alvo mais fácil de críticas. Mas, refletiria essa definição a atividade de Górgias ou a própria atividade retórica? Acho importante trazer o testemunho do *Adversus Mathematicos*, a extensa obra de Sexto Empírico, na qual se encontra um dos textos de Górgias de que hoje dispomos, o *Tratado do não-ser*. As referências a Górgias (além daquelas feitas nas *Hipotiposes*) aparecem, apenas, no tratado *Contra os Lógicos* – em meio à discussão sobre o sentido da palavra filosofia (I, 2), as formas nas quais ela pode ser dividida e o problema da existência ou não de um critério de verdade (I, 27-28). Não existe nenhuma referência a Górgias no livro *Contra os Retores*, embora Sexto o inicie comentando o *Górgias* de Platão e citando Helena, ao tratar da beleza como um dos meios pelos quais a persuasão pode ocorrer. Por que, tratando exaustivamente da retórica como a arte de persuadir (nisso ele procede como Platão), Sexto não fala absolutamente nada de Górgias? Parte da empreitada de Platão parece ter sido fazer com que o método dialético (formalmente semelhante aos procedimentos de argumentação dos ‘sofistas’) estivesse ligado à descoberta da natureza real e imutável das coisas, isto é, ao conhecimento das ‘formas’ (*República*. 454a-c, *Teeteto* 164c-d). Destarte, é compreensível que Platão buscasse (re)definir termos. Nesse contexto, a retórica foi definida em conflito com a filosofia, disciplina emergente e rival. Significando, literalmente, a arte ou habilidade do retor, privilegiaria a ambição de sucesso político; enquanto filosofia, como amor ao saber, privilegiaria a fidelidade à verdade, como vemos no *Górgias* (453ab).

2. Sobre o papel da produção de emoções e sua função persuasiva, chamo a atenção para a riqueza de material textual e imagético a ser estudado. Um exemplo disso é o catálogo da exposição *A World of Emotions: Ancient Greece, 770 B.C.-200 AD*, realizada em Atenas e Nova Iorque, em 2017, publicado pela Fundação Onassis no mesmo ano, que conta com breves artigos de dezenas de autores, indicando inúmeras frentes de investigação. Conforme observado pelos editores, Chaniotis, Kaltsas e Mylonopoulos, na apresentação, o tema que requer nova abordagem: “Emotions are ubiquitous in Greek drama and poetry, rhetoric and history, art and philosophy. Our perception of Classical Greek Antiquity is dominated by an interest in its rational aspects. We tend to understand the development of Greek culture as a movement from myth to reason, focusing on achievements that

Górgias como foco, o fazem de maneira muito distinta. Enquanto Marie-Pierre Noël, revendo extensa literatura, o faz a partir da análise da ligação entre *peithô* e *dunamis* e explica em que medida a perspectiva gorgiana é inovadora em relação ao conceito de *logos*, Janika Päll se detém em uma análise estilística da prosa poética, principalmente do *Elogio a Helena*, explorando (o que sua formação em música e filologia grega permite) a estrutura rítmica silábica e a harmonia do texto na produção de emoções. Vale notar que em ambos os casos temos, a meu ver, a corroboração daquilo que Jacqueline de Romilly havia sugerido de modo tão perspicaz³ e apenas aparentemente parece contraditório: que Górgias, racionalmente (na perspectiva do compositor de discursos, por meio de técnicas precisas), explora os poderes irracionais do *logos* (o efeito que certas figuras e formas podem ter na alma do ouvinte, cuja percepção estética se sobrepõe a uma possibilidade de análise racional do que está a ouvir).

Os textos de Douglas Cairns, Dana Munteanu e David Rosenbloom se aproximam, em parte, pelo diálogo com a *Poética* e a *Retórica*, de Aristóteles, sendo o livro II desta última um marco no tratamento sistemático das emoções. Cairns explora, com apoio de obras dramáticas, dois conceitos importantes na filosofia aristotélica (na verdade, discutindo-os também em Plotino), a saber, os de *phantasia* e *enargeia*, bem como o interessante problema da relação entre visão e audição, nesse ponto, aproximando Górgias e Aristóteles ao afirmar que “a tradição na qual eles mesmos se inserem já é uma que não faz distinção absoluta entre os efeitos da representação visual (dramática) e da representação verbal”. Munteanu, por sua vez, se concentra na emoção da piedade (destacada tanto no *Elogio a Helena*, quando se fala do impacto do *logos* na alma, como na definição de tragédia na *Poética*). A helenista traz uma importante questão sobre essa emoção ainda hoje tão discutida no contexto do mundo contemporâneo ao afirmar: “As fronteiras psicológicas entre o *si mesmo* e os outros não estavam tão claramente demarcadas na cultura grega como na *Retórica* de Aristóteles. Tampouco são eles sempre claramente demarcados hoje em dia. É possível que alguém considere a si mesmo como um objeto de piedade?”⁴ Encerrando este grupo,

were based on objective observation and cognition. This approach is not wrong, but it is incomplete” (p. 13).

3. ROMILLY, R. *Magic and Rhetoric in Ancient Greece*, Cambridge: Cambridge U.P., 1975.

4. Sobre a discussão desse tema nos dias atuais, veja-se MUNTEANU. *The Paradox of Literary Emotion: An Ancient Greek Perspective and Some Modern Implications*, no

Rosenbloom explora a caracterização das emoções e sua conexão com a *technê* na obra de Aristóteles, principalmente a *Poética* e a *Retórica*, em um diálogo criterioso, também com os comentadores.

Nos três últimos artigos, os autores explorados são Antifonte, Longino e Plotino. Stefania Giombini, com sua formação dupla em filosofia grega e direito, analisa o aspecto ficcional das *Tetralogias*, bem como realça o “caráter insolúvel” dessa obra, o que a insere no espírito da tradição sofística (e, a meu ver, da platônica, se pensarmos nos diálogos aporéticos), concedendo espaço para interpretações divergentes e tornando a capacidade persuasiva fundamental para que juízes possam decidir de modo favorável aos que tentam convencê-los. Marta Várzeas, que recentemente publicou em Portugal sua tradução *Do Sublime*, indica um caminho assaz interessante para explorar o autor, mostrando oposição entre persuasão, finalidade do discurso no âmbito da retórica, e êxtase, efeito da sublimidade, e partindo de problemas estilísticos (o uso de figuras) rumo a pressupostos filosóficos que norteariam a compreensão de Longino de diferentes tipos de emoções produzidas (das mais simples àquelas – como nos discursos de Demóstenes – que causam assombro e espanto). No último artigo, Bernardo Brandão explora, em Plotino, o que ele chama de “uma retórica interior”, em um trabalho em que a alma, com um discurso interno, persuade a si mesma a fim de enfraquecer as afecções geradas pelo corpo e seu impacto na própria alma. Em algo que lembra o conselho de Platão no final da *República*, para secarmos nossas emoções, passagem que serviu de primeira epígrafe deste prólogo, Bernardo conclui: “Plotino não explica como o discurso é capaz de purificar de modo a tornar mais fracas as afecções. Mas acredito que a resposta esteja implícita no texto: se o modo de vida não favorece as perturbações do corpo, se a filosofia elimina as opiniões errôneas da alma, as paixões naturalmente se tornam mais fracas.”

Esperando ter indicado correta e persuasivamente os caminhos em aberto pelos ensaios, agradeço, penhoradamente, aos autores desses oito artigos por terem aceitado o convite para participar desse livro, e, pacientemente, aguardado sua publicação, adiada, infelizmente, tanto pelo falecimento precoce do querido colega Marcelo Marques, que seria co-organizador e um dos tradutores, como por condições adversas relativas ao financiamento de publicações e às dificuldades crescentes para a divulgação

volume especial *Entre Aporias, Dilemas, Paradoxos e Labirintos*, organizado por mim para a *Nuntius Antiquus* 13:2 (2017), p. 263-283.

de livros universitários, em um país que estimula cada vez menos a produção acadêmica. Não poderia deixar de expressar, mais detalhadamente, minha gratidão a dois mestres, David Konstan e Jacyntho Brandão, que prontamente atenderam à minha solicitação para fazer o prefácio e as orelhas desta coletânea, respectivamente.

Por um lado, é desnecessário justificar a escolha de ambos para contribuir com este livro, dado o renome e projeção que adquiriram nos estudos da antiguidade, em particular nos campos da pesquisa em retórica aristotélica. Por outro, sinto-me na obrigação – muito prazerosa! – de apresentar uma informação que não é desapassionada e que articula os afetos e conexões acadêmicas estabelecidas ao longo de anos, nutridas pelos estimulantes contatos intelectuais em diferentes momentos, o que, a meu ver, tem papel fundamental para a continuidade de projetos de pesquisa que, esbarrando em tantos percalços, correm o risco de sucumbir, se não nos agarrarmos a exemplos de trajetórias como a desses dois intelectuais.

Tive a alegria de ter sido orientada por ambos os professores: David Konstan, por meio de quem entrei em contato mais estreito com o tema da teoria das emoções em Aristóteles, quando fiz o estágio doutoral, pela CAPES, na Brown University, e cuja obra é referenciada em vários dos artigos aqui presentes; e Jacyntho Brandão, que supervisionou meu primeiro pós-doutorado, pela FAPEMIG, no qual investiguei as estratégias retóricas na produção de emoções em tragédias gregas e em suas adaptações para o cinema. O estimulante contato com esses dois professores direcionou minha pesquisa, norteadada para investigar a conexão entre teatro, oratória e o movimento sofista, no século V, visando a compreender a demarcação entre filosofia e retórica grega, operada no século seguinte, por Platão e Aristóteles, e as relações entre literatura (dramática) e filosofia, naquele momento. Foi nesse contexto que os eventos acima elencados foram realizados, e posso dizer que este livro é parte do resultado de alguns anos de diálogo com as obras da antiguidade e a dos comentadores, entre os quais os que aparecem nesta coletânea, e que, generosamente, aceitaram o convite de vir ao Brasil, a fim de compartilhar seus conhecimentos e ajudar a consolidar uma área de pesquisa cujo crescimento é evidente, como se pode ver pelas publicações aqui e no exterior. Portanto, é com imensa satisfação que edito um livro com contribuições tão significativas para os estudos em filosofia e literatura gregas.